

CARAMBAIA

APRESENTAÇÃO
Rogerio W. Galindo
7

CRONOLOGIA
13

PREFÁCIO DO AUTOR
15

A — Z
17

Apresentação
Misantropia
em verso e prosa

Em abril de 1888, Ambrose Bierce publicou um poeminha que mais tarde sairia em livro no seu *Dicionário do Diabo*, ilustrando o verbete “Perda”. Era um epitáfio para o magnata das ferrovias Collis P. Huntington. Ao contrário do que ocorre nos epitáfios em geral, não se tratava de uma homenagem:

Aqui jaz *sir* Huntington, voltou ao pó.
A perda que teve foi nossa vitória,
Pois quando vivia, em toda a sua glória,
O que ele ganhava perdíamos nós.

Um detalhe a ser levado em consideração: Huntington estava vivíssimo. Só morreria em 1900, doze anos depois, não antes de outro enfrentamento com Bierce, mais direto e mais célebre. Huntington havia emprestado do governo americano 130 milhões de dólares para suas ferrovias e estava fazendo tramitar no Congresso, por meio de um deputado amigo, um projeto que anistiava sua dívida – coisa de 10 bilhões de dólares em dinheiro de hoje.

Bierce foi designado pelo jornal em que trabalhava para cobrir o assunto. O projeto só passaria se corresse em sigilo. Ao descobrir que o jornalista estragaria tudo, Huntington teria perguntado a ele qual era o seu preço. A resposta que ficou registrada nos jornais foi a seguinte: “Meu preço são 130 milhões de dólares. Se quando você estiver pronto para pagar eu estiver fora da cidade, pode entregar a meu amigo, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos”.

Quem tinha mandado Bierce cobrir a história fora outro multimilionário, este muito mais famoso: William Randolph Hearst, o modelo para o *Cidadão Kane* de Orson Welles, e que também é citado em um poema do *Dicionário*, ilustrando o verbete “Diário”.

Novamente, o personagem aparece como morto quando ainda estava vivo, e de novo para ser criticado – dessa vez, na verdade, ridicularizado. O “anjo cartorário” ri de todas as “tolices de segunda mão” que Hearst escreveu em seu diário e decide que ele não está pronto para o céu nem para o inferno. Chuta-o de volta para a Terra.

Hearst, que herdou o *The Examiner* muito cedo, foi patrão de Bierce durante mais de uma década. O jornalista rompeu com ele devido ao tratamento dado a seus textos e colunas no jornal. Entre os textos que ele publicou via Hearst estava boa parte do que viria a ser este *Dicionário*.

Os dois poemas servem para mostrar a verdadeira *irreverência* de Bierce. Palavra usada em excesso para qualquer tipo de humor, no caso de Bierce ela se encaixa à perfeição: ele realmente parecia não refrear seu instinto de crítica diante de nada nem de ninguém. Pelo contrário: quanto mais poderoso o alvo – e quanto maior o tabu que o envolvesse –, mais ácido seria o comentário de Bierce.

Por acaso, mas também por sorte, a primeira definição no *Dicionário*, na ordem alfabética original, em inglês, é a de “*Abasement*”, aqui traduzida por “Rebaixamento”: “Atitude mental decente e costumeira na presença de riqueza e poder. Particularmente adequada em um empregado ao falar com o empregador”. Ao iniciar assim o livro, fica claro que Bierce não está disposto a se rebaixar nem à riqueza nem ao poder.

O autor realmente não presta reverência. Critica todas as culturas – mas principalmente a sua, dos Estados Unidos; questiona todas as religiões, mas com maior ênfase no cristianismo, que está

à sua volta; ironiza todas as profissões, mas com acidez especial às próprias, de jornalista, escritor e até mesmo a de dicionarista.

Nos poemas, nesta edição traduzidos pela primeira vez integralmente para o português, vê-se com clareza que a crítica demolidora não se voltava só a instituições, culturas e categorias: e sim, também, a indivíduos. Como Dante séculos antes, Bierce coloca seus contemporâneos – os mais intocáveis dentre eles – em uma espécie de inferno, em círculos destinados aos hipócritas, aos covardes e aos vaidosos. Muito especialmente aos vaidosos.

O *Dicionário* é, no fundo, um libelo contra a soberba humana, contra as nossas pretensões. A religião é criticada antes de mais nada por sua pretensão a tudo saber. Os políticos, por sua pretensão à infalibilidade. Os norte americanos, por sua pretensão a serem superiores aos demais. A soberba, diz a teologia, é a mãe de todos os pecados. Bierce, em um livro que se intitula “diabólico”, concorda.

O Diabo do título – muitas vezes em sua carreira Bierce fazia uso de um personagem-colaborador intitulado John Satan – substituiu a palavra “cínico” das primeiras edições do livro. E aparece aqui e ali justamente punindo personagens da época de Bierce, como o governador de Illinois que comutou a pena de um grupo preso por terrorismo, e que aparece (também ainda vivo) torrando no fogo do inferno, no verbete “Suspensão”.

A crítica à instituição religiosa, porém, não significa que Bierce fosse realmente diabólico. Primeiro porque curiosamente uma das raras figuras que ele elogiava era... Jesus Cristo. (Conte quantas pessoas aparecem no *Dicionário* sem ser como maus exemplos. Há alguns grandes escritores, como Shakespeare e Milton. Mas não espere muito mais...)

Em uma carta a um amigo, Bierce diz que, para ele, o grande teste moral para decidir se uma ação é boa ou não (o seu imperativo categórico, por assim dizer) era pensar: o que Cristo faria? Deixando claro que ele respeitava o Cristo histórico: não o dos padres nem o dos comentaristas, dirá em seguida.

Mas o Cristo de Bierce parece ser o que expulsa os vendilhões do templo. E na maior parte do tempo, no *Dicionário*, é dos vendilhões que ele fala. E de nós todos – pois somos todos vendilhões em alguma medida, em algum momento. Um crítico, Clifton Fadiman,

já disse que o que perpetuaria a obra de Bierce, muito mais do que seu talento, era a “pureza de sua misantropia”.

Mas a misantropia dele dizia respeito muito mais à espécie. Os personagens selecionados são expostos por serem o epítome de um pecado que cabe a todos – ou, como ninguém é de ferro, por terem pisado nos calos de Bierce. No entanto, na vida real, o escritor (embora pudesse ser vil, conforme relatam seus biógrafos) era também capaz de gestos raros para proteger alguém.

Ao contrário dos que dizem amar a humanidade (o mais fácil) e rejeitam cada um dos seus espécimes, Bierce faz o caminho oposto, e muito menos trilhado – desespera-se com a humanidade, mas na Guerra Civil (1861-65) coloca-se em risco para salvar colegas. Não à toa, acabou com uma bala na cabeça que o retirou temporariamente de combate.

Em todos os gestos “misantrópos” de Bierce há também algo de crença no humano. No confronto com o magnata da ferrovia, sua afronta só faz sentido porque ele queria defender uma boa causa – o erário. No seu texto, vale o mesmo. Se enfrenta a soberba, é porque quer defender alguém contra ela. Quer defender a própria humanidade? Nós?

—

O *Dicionário do Diabo* é mais do que centenário. As primeiras definições começam a aparecer em 1881. Durante 25 anos, Bierce foi acumulando verbetes. Aparentemente, escrevia os textos e deixava-os na gaveta, usando para completar o espaço de suas colunas quando precisava. Mas já em 1869, comentando um texto de Noah Webster, ele falava na ideia de um “dicionário cômico” a ser produzido por um autor norte-americano.

Em 1906, esse dicionário virou livro, com o título *Vocabulário do cínico*. Cinco anos mais tarde, com mais definições, apareceria já como *Dicionário do Diabo*, nesta versão clássica que você agora tem em mãos. Desde então, devido ao uso de pseudônimos, de verbetes que não foram incluídos apesar de publicados em jornal e de dificuldades de estabelecer quais textos realmente são de Bierce, várias edições aumentaram o volume de verbetes.

Isso significa que o projeto ocupou metade da vida (conhecida) de Bierce. Nascido em 1842, ele tinha menos de 30 anos por ocasião das primeiras definições. Na edição do livro em seu formato atual, ele estava à beira dos 70. E até onde se pode saber, viveria apenas mais três anos – na verdade ninguém tem como ter certeza, já que ele aparentemente partiu para o México para acompanhar Pancho Villa na Revolução Mexicana e desapareceu; ninguém sabe onde e como morreu.

David E. Schultz e S.T. Joshi, organizadores de uma edição clássica do *Dicionário* publicada pela Universidade da Geórgia, afirmam que esta pode não ser a obra-prima de Bierce – nos Estados Unidos, ele é muito mais admirado por alguns contos, como *An Occurrence at Owl Creek Bridge*. Mas este, dizem eles, é o livro que melhor transmite o espírito do autor.

“Na verdade”, afirmam, “a vida e a carreira de Bierce podem ser resumidas em uma única frase”. E essa frase é do *Dicionário* e está na definição do verbete “Cínico”: “Um canalha cuja visão de-feitasas vê as coisas como elas são, não como devem ser”. Poderia também ter dito: e não como os outros querem que vejamos.

—

As edições do *Dicionário* traduzidas para o português omitiram os poemas (assim como algumas edições em língua inglesa e em traduções para outros idiomas). Os poemas, alegou-se em algum momento, não são a parte mais interessante da obra.

Pode ser. Bierce, de fato, era um prosador antes de tudo – a poesia ele praticava sempre, mas não com a mesma naturalidade. Os versos do *Dicionário*, por exemplo, são formalmente bem-acabados, mas talvez alguém não se empolgue com eles por não serem escritos na intenção de revelarem um estado de espírito, um sentimento: não são poemas líricos, e sim poemas descritivos, usados para contar histórias que ilustrem aquilo que a descrição do verbete não faria melhor.

Amputar os poemas, assim, é retirar do leitor a chance de conhecer o projeto inteiro de Bierce, como ele se propôs a escrevê-lo. Sem eles, por exemplo, não se fica sabendo em plena escala das diatribes do autor contra seus contemporâneos. E há poemas

realmente bons: alguns hilários, outros formalmente perfeitos, todos escritos com competência e domínio da técnica.

Mas a técnica é o que menos importa. O que conta é que os poemas são mais uma arma na mão do autor para combater seu bom combate. O combate contra a arrogância humana que marca o *Dicionário* da primeira à última palavra.

Para isso, Bierce se serve de moldes de poetas clássicos da língua inglesa, de Pope a Longfellow, passando por Byron, e assina os poemas com vários nomes falsos. Alguns viram verdadeiros personagens do livro, como o padre Gassalasca Jape ou Judibras. Ao leitor brasileiro, todos são novos.

Às vezes a tradução, principalmente em função do gosto de Bierce por jogos de palavras e trocadilhos, pode ter feito perder algo do original. Mas a força da palavra dele há de ter sobrevivido para mostrar como lidava com o mundo ao seu redor o mais puro dos misantropos – em prosa e verso.

ROGERIO W. GALINDO é tradutor, jornalista e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Cronologia

1842

Nasce em Ohio, nos Estados Unidos, em 24 de junho, Ambrose Gwinnett Bierce.

1857

Sai de casa aos 15 anos para ser aprendiz de impressor em um pequeno jornal de Ohio.

1861

Depois de se alistar no Exército, Bierce participa, ao lado dos Unionistas, da campanha contra os Confederados na Virgínia Ocidental.

Na batalha de Rich Mountain, os jornais o citam por um ato de bravura, ao fazer um resgate ousado de um companheiro de armas ferido.

1862

Promovido a primeiro-tenente, atua como engenheiro topográfico na confecção dos mapas de batalha. Participa da batalha de Shiloh.

1865

Depois de ser atingido por uma bala na cabeça, ainda na Guerra de Secessão, Bierce é dispensado do Exército. No ano seguinte, participa ainda de outra expedição para inspecionar postos militares quando vai a cavalo até a Califórnia.

1871

Casa-se com May Ellen Day. Com ela, teria três filhos: Day, Leigh e Helen.

1872

Muda-se para a Inglaterra, onde mora até 1875.

1873

Publica, em Londres, *The Fiend's Delight* e *Nuggets and Dust*, seus primeiros livros, sob o pseudônimo Dod Grile.

1879

Tenta carreira como gerente de uma mina, mas a empresa vai à falência e ele decide voltar ao jornalismo.

1881

Torna-se editor da revista *The Wasp*, em que começa uma seção chamada “Prattle” – ali surgem os primeiros verbetes do *Dicionário do Diabo*.

1887

Passa a trabalhar no *The Examiner*, de William Randolph Hearst.

1891

Publica *Tales of Soldiers and Civilians*, uma coletânea de contos sobre a Guerra Civil Americana.

1899

Muda-se para Washington, como correspondente do *The Examiner*. Publica *Fantastic Fables*.

1904

Já separado da mulher desde 1888, Bierce se divorcia.

1906

Publicada a primeira edição do dicionário, com o título *O vocabulário do cínico*.

1911

O Dicionário do Diabo sai em sua versão acabada.

1912

Sai o último dos 12 volumes de sua obra completa.

1913

Bierce deixa Washington, supostamente para cobrir a Revolução Mexicana, e desaparece. Presume-se que tenha morrido no México.

Prefácio do autor

O Dicionário do Diabo começou a ser publicado em um jornal semanal em 1881 e continuou de maneira inconstante e por longos intervalos até 1906. Naquele ano, grande parte dele foi publicada em livro com o título *O vocabulário do cínico*, nome que o autor não teve o poder de rejeitar nem a felicidade de aprovar. Para citar os editores desta obra que aqui vai: “Este título mais reverente tinha sido anteriormente a ele imposto pelos escrupulos religiosos do último jornal em que uma parte do trabalho havia aparecido, com a consequência natural de que, quando foi publicado em formato de livro, o país já havia sido inundado por imitadores que publicaram dezenas de livros ‘cínicos’ – *O cínico isso*, *O cínico aquilo* e *O cínico sei lá o quê*. A maior parte desses livros era simplesmente estúpida, embora alguns deles tenham acrescido a distinção da tolice. A desaprovação que esses livros trouxeram à palavra ‘cínico’ foi tal que qualquer livro a usá-la caía em descrédito antes de sua publicação”.

No meio-tempo, além disso, alguns dos empreendedores humoristas do país tinham se servido das partes da obra que lhes interessavam, e muitas de suas definições, anedotas, frases e assim

por diante tinham se tornado mais ou menos correntes na fala do povo. Essa explicação vai aqui, não por qualquer orgulho de anterioridade em ninharias, mas simplesmente para negar as possíveis acusações de plágio, o que não é uma ninharia. Ao meramente compendiar o próprio trabalho, o autor tem esperanças de ser visto como isento de culpa por aqueles a quem a obra se dirige – almas esclarecidas que preferem vinhos secos a doces, razão a sentimento, espirotuosidade a humor e inglês puro a gíria.

Uma característica conspícua, e espera-se que não desagradável, do livro são as abundantes citações ilustrativas de eminentes poetas, principalmente deste erudito e engenhoso clérigo, o padre Gassalasca Jape, S.J., cujos versos trazem suas iniciais.

O autor reconhece sua imensa dívida ao padre Jape pelo gentil incentivo e pela assistência recebida.

A.B.

A

abatis*(abatis)*, s.m.

Lixo em frente a um forte para impedir que o lixo de fora moleste o lixo de dentro.

abdicação*(abdication)*, s.f.

Ato pelo qual um soberano atesta sua sensação da alta temperatura do trono.

Morreu pobre Isabela, cuja abdicação moveu todas as línguas da Espanha de então.

Não deve o gesto macular sua memória: Foi sábia, o trono era quente para ela.

Não há de ser nenhum enigma para a História – mais uma ervilha seca a pular da panela.

— G.J.

abdômen*(abdomen)*, s.m.

O templo do deus estômago, de cuja adoração, com direitos sacrificiais, todos os homens de verdade participam. Das mulheres essa antiga religião exige apenas um assentimento hesitante. Elas por vezes oficiam no altar de maneira indecisa e ineficaz, mas não conhecem a verdadeira reverência pela única

deidade que os homens realmente adoram. Se as mulheres pudessem decidir livremente sobre os negócios do mundo, a espécie se tornaria herbívora.

aborígenes*(aboriginies)*, s.2g.pl.

Pessoas de pequeno valor encontradas penando sobre o solo de um país recém-descoberto. Em breve eles deixam de penar; passam a fertilizar.

abracadabra*(abracadabra)*, s.m.

Com Abracadabra é possível você usar muitos significados.

É a resposta para O quê? e Como? e Por quê?

E De onde? E Para onde? – um termo que vê

A Verdade (que nos deixa descansados)

Abrir-se aos que tateiam na hora escura
Clamando pela luz sagrada da cultura.

Se a palavra é verbo ou substantivo
É algo além de meu recurso.

Só sei que o termo se manteve vivo,
passando de erudito para erudito
ao longo do tempo infinito –
uma parte imortal do discurso!

Conta-se a lenda de um velho singular
Que chegou a ser dez vezes secular,
Vivendo numa gruta fora da cidade

(Por fim ele morreu, verdade.)
Sua sabedoria tinha fama vasta
Pois, além da bela calva, basta
mencionar a longa barba gris
E o brilho incomum do olhar feliz.

Filósofos vinham de todo lugar
Para estar a seus pés e escutar e escutar,
Apesar de ninguém ter jamais escutado
Uma outra palavra a seu lado
Que não “Abracadabra, abracadabr,
Abacadab, abracada,
Abraca, abrac, abra, abr!”
Era a única palavra falada,
Era tudo que eles queriam ouvir, e a
plateia

Tomava muitas notas dessa mística
ideia,
Que publicavam presto –
Uma gota de texto
Num imenso mar de comentários.
Eram livros poderosos e gigantes,
E em quantidade, vários;
Quanto ao conteúdo, impressionantes!

Ele morreu,
Disse eu,
E os livros dos sábios já viraram nada,
Mas a sabedoria permanece e é
sagrada.
Em Abracadabra ela soa com
solenidade
Sino antigo badalando pela
eternidade.
Ah, adoro ouvir
Essa palavra traduzir
O Juízo Geral das Coisas pela
Humanidade.

— Jamrach Holobom

abreviar*(abridge)*, v.t.

Encurtar.

Quando no transcorrer dos eventos humanos torna-se necessário para um povo abreviar o governo de seu rei, um respeito decente pelas opiniões da humanidade exige que se declarem as causas que o impelem à separação.

— Oliver Cromwell*

* Oliver Cromwell (1599-1658), militar e líder político inglês, foi o principal responsável pela prisão e execução do rei da Inglaterra Charles I, em 1649. [Todas as notas são do tradutor.]

abrupto*(abrupt)*, adj.

Súbito, sem cerimônia, como a chegada da bala de canhão e a partida do soldado cujos interesses são mais afetados por ela. O dr. Samuel Johnson disse belamente sobre as ideias de outro autor que elas eram “concatenadas sem movimentos abruptos”.

absentista*(absentee)*, s.2g.

Pessoa com posses que teve a prudência de se retirar da esfera de extorsão.

absoluto*(absolute)*, adj.

Independente, irresponsável. Uma monarquia absoluta é aquela em que o soberano faz o que lhe convém desde que agrade aos assassinos. Não restam muitas monarquias absolutas, a maior parte delas foi substituída por monarquias limitadas, nas quais o poder do soberano para fazer o mal (e o bem) é bastante reduzido, e por repúblicas, que são governadas pelo acaso.

abstêmio*(teetotaler)*, adj.

Aquele que se abstém de bebidas alcoólicas, às vezes de maneira completa, às vezes de maneira toleravelmente completa.

abstinente*(abstainer)*, s.2g.

Pessoa fraca que se rende à tentação de negar a si mesma um prazer. Um total abstinente é

aquele que se abstém de tudo, exceto da abstenção e, especialmente, da inatividade em relação aos assuntos alheios.

“Você não era abstinente rematado?”,
Falou o homem ao garoto embriagado.
“Sou sim”, falou após o flagra o vil
tratante –
“Mas não, senhor, daquele tipo
intolerante”.

— G.J.

absurdo*(absurdity)*, s.m.

Afirmção ou crença que está em manifesto desacordo com a própria opinião.

academe*(academe)*, s.m.

Escola antiga em que se ensinavam moralidade e filosofia.

academia*(academy)*, s.f. [de academe].

Escola moderna em que se ensina futebol.

acéfalo*(acephalous)*, adj.

A surpreendente condição do cruzado que distraidamente passou a mão no topete horas depois de uma cimitarra sarra-cena ter, sem que ele percebesse, passado por seu pescoço, como relatado por De Joinville*.

* Jean de Joinville (c. 1224-1317),
cronista medieval das Cruzadas.

acidente*(accident)*, s.m.

Ocorrência inevitável devida à ação de leis naturais imutáveis.

acordeão*(accordion)*, s.m.

Instrumento em harmonia com os sentimentos de um assassino.

acordo*(accord)*, s.m.

Harmonia.

acusar*(accuse)*, v.t.

Afirmar a culpa ou a falta de valor de outrem; mais comumente

como uma justificação pelo fato de termos sido injustos com essa pessoa.

adágio*(adage)*, s.m.

Verdade desossada para dentes fracos.

adivinhação*(divination)*, s.f.

A arte de farejar o oculto. Há tantos tipos de adivinhação quanto há variedades frutíferas do palerma vicejante e do néscio precoce.

adjunto*(deputy)*, s.m.

Parente do sexo masculino de uma pessoa que exerce um cargo ou de seu fiador. O adjunto geralmente é um homem jovem e bonito com uma gravata vermelha e um intrincado sistema de teias de aranha que vão de seu nariz até a mesa. Quando acidentalmente a vassoura do zelador o acerta, ele solta uma onda de pó.

“Ó meu caríssimo adjunto”,
Falou o chefe, “Eis o assunto:
Uns contadores dos ministros
Vêm hoje ver nossos registros.

Se houver um roubo no escritório
 Vamos entrar no relatório.
 Por isso cuida das entradas,
 Mostre as planilhas adequadas,
 E nas saídas dê a baixa –
 Não haja erro em nosso caixa.
 Eu te admiro. Sem alarde
 Chegas tão cedo e saís tão tarde,
 E enfrentas todos lá sentado,
 O que se esgoela, o outro irado,
 E mesmo quem nervoso avança
 O teu semblante eu sei que amansa –
 No teu olhar há certa paz
 Que acalma mesmo o mais audaz,
 Acaba com toda revolta
 E pacífica tudo em volta.
 Até quem vem com o propósito
 De vir sacar faz um depósito.
 Mas esse vasto gênio agora
 Virá também em boa hora
 Se o empregarmos noutros ramos.
 Levanta! Não se avexes, vamos!
 Inspira todo subalterno
 E põe a alma em algo eterno!”
 O chefe bate levemente
 Nas costas curvas do assistente,
 E vê rolar ali no chão
 Esfera inerte, globo vão.
 Era a cabeça de um humano
 Que estava morto há mais de um ano!

— Jamrach Holobom

admiração

(*admiration*), s.f.

Nosso educado reconhecimento
 da semelhança que outra pessoa
 tem conosco.

admoestação

(*admonition*), s.f.

Advertência gentil, como com um
 cutelo. Alerta amistoso.

Enviada, como admoestação,
 Sua alma para eterna danação.

— Judibras

admoestação

(*expostulation*), s.f.

Um dos muitos métodos pelos
 quais os tolos preferem perder
 seus amigos.

adoração

(*worship*), s.f.

Testemunho dado pelo *Homo
 Creator* da sólida construção e do
 belo acabamento do Deus *Creatus*.
 Forma popular de abjeção que
 tem um elemento de orgulho.

adorar

(*adore*), v.t.

Venerar aguardando algo.

advogado

(*lawyer*), s.m.

Alguém perito em achar brechas
 na lei.

aflição

(*distress*), s.f.

Doença que se contrai pela
 exposição à prosperidade de um
 amigo.

aforismo

(*aphorism*), s.m.

Sabedoria pré-digerida.

O flébil odre de sua mente
 Age patologicamente
 E tira desse oco abismo
 A gota de um aforismo.

— O filósofo louco (1697)

africano

(*african*), s.m.

Um negro cujo voto é semelhante
 ao nosso.

agitador

(*agitator*), s.m.

Estadista que chacoalha as
 árvores frutíferas dos vizinhos –
 para desalojar as larvas.

agradar

(*please*), v.t.

Construir as fundações de uma
 superestrutura de imposição.

agrura

(*predicament*), s.f.

O salário da coerência.

água de arroz

(*rice-water*), s.f.

Bebida mística secretamente
 usada por nossos mais populares
 romancistas e poetas para regular
 a imaginação e entorpecer a
 consciência. Diz-se ser rica tanto
 em embotadito como em
 letargina, e é destilada na névoa
 da meia-noite por uma bruxa
 gorda do Pântano Sombrio.